

RUY CASTRO

CHEGA DE SAUDADE

A HISTÓRIA
E AS
HISTÓRIAS
DA
BOSSA NOVA



Projeto gráfico
Hélio de Almeida

4ª edição
revista, ampliada e definitiva



Copyright © 1990 by Ruy Castro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Revisão

Isabel Jorge Cury

Índice remissivo

Luciano Marchiori



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castro, Ruy, 1948-
Chega de saudade : a história e as histórias
da Bossa Nova / Ruy Castro. — 4ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2752-8

1. Bossa Nova (Música) – Brasil – História e crítica
2. Música popular – Brasil 1. Título.

16-03549

CDD-781.630981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Bossa Nova : Música popular : História e crítica
781.630981

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Prólogo: Juazeiro, 1948	15
PARTE 1: O GRANDE SONHO	
1. Os sons que saíam do porão.....	29
2. Tempo quente nas Lojas Murray.....	45
3. A guerra dos conjuntos vocais.....	63
4. A montanha, o sol, o mar	85
5. Zona Sul cheia de blues.....	100
6. A turma.....	123
7. Em busca do ego perdido	137
8. A chegada da batida.....	152
9. Um minuto e 59 segundos que mudaram tudo.....	171
10. Desafinado.....	195
PARTE 2: O GRANDE FERIADO	
11. Bossa Nova vai à escola.....	213
12. Jogo de cena	229
13. O amor, o sorriso e a flor	250
14. É sal, é sol, é sul.....	268
15. Bossa Nova à venda	281
16. Garota de Ipanema	300
17. A lambida na maçã.....	316
18. A flor armada	334
19. Ponte aérea	350
20. A diáspora.....	375
21. O mundo como saída.....	398
Cançãoografia	419
Discografia.....	441
Bibliografia	467
Agradecimentos	473
Créditos das imagens.....	477
Índice remissivo	481

PRÓLOGO

JUAZEIRO, 1948

O alto-falante pendurado num dos postes da rua do Apolo, em Juazeiro, Bahia, tocava “Naná”, com Orlando Silva, pelo menos três vezes por dia. A folhinha dizia 1948, e “Naná”, um fox-blues de Custodio Mesquita e Geysa Bôscoli, era um velho sucesso de 1940. Mas *seu* Emicles, o dono da amplificadora, não estava preocupado em tocar as últimas novidades. Em seus alto-falantes ele tocava os discos que gostava de ouvir, e só de vez em quando fazia uma concessão à paciência do seu público — *toda* a Juazeiro — e ia a Salvador comprar discos novos. Felizmente, o gosto de *seu* Emicles era amplo e variado como um arco-íris. Entre as atrações de seu repertório estavam “Canção da Índia”, com Tommy Dorsey; “Caravan”, com Duke Ellington; “Siboney”, com Gregorio Barrios; “Musica proibita”, com Carlo Buti; “Ménilmontant”, com Charles Trenet; “Cambalache”, com Francisco Canaro; “Dream lover”, com Jeanette MacDonald. Nenhuma estação de rádio em Juazeiro — se Juazeiro tivesse uma estação de rádio — faria melhor.

E, naturalmente, a programação de *seu* Emicles também incluía muita música brasileira: “Bolinha de papel”, com os Anjos do Inferno; “Onde o céu azul é mais azul”, com Francisco Alves; “Boogie-woogie na favela”, com Cyro Monteiro; “Ave-Maria no morro”, com o Trio

de Ouro; “A primeira vez”, com Orlando Silva; “Adeus, batucada”, com Carmen Miranda; “O samba da minha terra”, com o Bando da Lua. Exceto pelos breves intervalos para a transmissão da missa e dos reclames do comércio, a amplificadora de *seu* Emicles enchia o ar de Juazeiro com música de todos os estilos, de todas as épocas e, o que era uma tortura para alguns, o dia todo — principalmente à noite, quando *seu* Emicles programava alguma atração local, ao vivo.

Enquanto a usina fornecesse energia, haveria música no ar. A hidrelétrica de Paulo Afonso ainda estava nas pranchetas e, quando a luz piscava duas ou três vezes, por volta das onze da noite, era o aviso de que dentro de dez minutos a força seria cortada e a vida social em Juazeiro teria de ser deixada para o dia seguinte. Os alto-falantes silenciavam, as lâmpadas, já anêmicas, apagavam de vez, e as famílias iam dormir. A trilha sonora, a partir daí, era fornecida pelos boêmios com seus violões. Eles permaneciam na rua, fazendo serenatas e candidatando-se à recompensa líquida de penicos que jorravam das janelas sobre suas cabeças.

Evidente que essa lei do silêncio não valia para o Carnaval nem para a roda de São Gonçalo, uma espécie de festa do candomblé, em que a cidade dançava a noite inteira ao som dos alto-falantes. Quer dizer então que Juazeiro era New Orleans? Bem, nem tanto. No começo daquele ano, por exemplo, quando a amplificadora atingiu o seu máximo de Ibope, o motivo da transmissão não teve nada a ver com música.

Raimundo, um gerente de banco de Salvador que viera a Juazeiro para instalar uma agência do Banco do Fomento Agrícola, viveu um flamejante e secreto caso de amor com uma beldade local chamada Juju. Tanto Raimundo quanto Juju eram casados, esta com o agravante de ter como marido um soldado da PM. Raimundo instalou a agência e foi a Salvador buscar a patroa, para se estabelecer de vez em Juazeiro. Mas, assim que chegou, a sra. Raimundo foi contemplada com uma coleção de cartas anônimas, daquelas com detalhes, relatando o caso de seu marido com Juju.

Pratos voaram e Raimundo poderia ter tomado diversas atitudes, mas escolheu justamente a mais inábil e pateta: foi à amplificadora,

leu as infames cartas ao microfone e defendeu a honra de d. Juju, declarando-a uma mulher honestíssima. Encerrada a leitura, agradeceu a atenção dispensada e saiu, julgando ter esclarecido a coisa. Enganou-se, porque o militar não gostou de ver a honra de sua mulher defendida. Raimundo foi esperado na esquina por um pelotão de PMS com *esprit de corps*, os quais, entre outras coisas, lhe massagearam as gengivas com o cabo das carabinas. A tropa o convenceu a voltar para Salvador, levando a legítima esposa, e a ficar por lá. Raimundo achou melhor acatar a ideia. Quanto a Juju, continuou em Juazeiro com o marido e, felizmente, o Banco do Fomento Agrícola também. Durante muito tempo não se falou em outra coisa. A tal ponto que “Copacabana”, sucesso do estreante Dick Farney em todos os alto-falantes do país, passou quase em branco justamente nos de Juazeiro.

Em 1948, Juazeiro era uma cidade de 10 mil habitantes, entre os quais um garoto de dezessete anos que todos chamavam de Joãozinho da Patu. Jorge Amado foi lírico ao descrever o lugar em seu romance *Seara vermelha*, mas a vida real ali era um desconsolo. Poucas de suas ruas eram calçadas e todas as casas possuíam chão de tijolos, que os cidadãos tinham de molhar dia sim, dia não, para refrescar o corpo e a alma. O calor era fenomenal e não conseguia ser amenizado nem pelo vento que varria Juazeiro com os redemunhos. Quando ventava era pior, porque fazia com que as pessoas literalmente mastigassem poeira. Os milhões de litros do rio São Francisco correndo na sua porta não livravam a cidade de ser um areal, em que até os cactos suavam para vingar. O São Francisco era cruel. Costumava encher sem aviso prévio, mesmo que não chovesse, e, entre outras vilanias (piranhas, por exemplo), alagava apenas as zonas pobres — tendo a cautela de poupar a praça da Matriz, um dos poucos lugares arborizados de Juazeiro e que os “ricos” preferiam para morar.

O nome da praça, como é óbvio, se devia à igreja matriz, de Nossa Senhora das Grotas. A qual, na lembrança até dos que já eram veteranos em Juazeiro naquela época, estava em obras desde que se entendiam por gente. Os garotos da cidade, amigos de Joãozinho, apelidaram a igreja de *Sinfonia inacabada*, porque era como se aquele

esqueleto de vigas e andaimes já fizesse parte da fachada, e a obra não fosse terminar enquanto o velho pároco tivesse forças para extrair dinheiro do povo.

Um dos beneméritos das obras da igreja era *seu* Juveniano de Oliveira, pai de Joãozinho. Católico até dizer chega, ele seria capaz de contribuir até para uma campanha destinada a remover a caspa da batina do pároco. *Seu* Juveniano atribuía à cortesia divina o fato de, com as simples armas do curso primário, ter se tornado um dos mais prósperos negociantes de Juazeiro. Mas seu tino comercial também ajudara. Ele começara com uma loja de tecidos, expandira para o comércio de cereais, tornara-se dono de barcas no São Francisco e, em sociedade com o irmão Walter, comprara duas ou três fazendas e tinha agora até uma ilhota no rio. Como se fosse pouco, sua firma, a Oliveira & Irmão, detinha a representação da Anglo-Mexican Petroleum para toda a região do São Francisco. Só faltava coroar sua carreira tornando-se rotariano. Com tudo isso, *seu* Juveniano ainda encontrava tempo para tocar cavaquinho e saxofone como amador e ser o incentivador oficial da centenária Banda de Música 22 de Março, em Barro Vermelho, no vizinho distrito de Curaçá.

Seu Juveniano morava na praça da Matriz, numa casa grande e térrea, sempre pintadinha de fresco, recheada de filhos novos e móveis antigos. Podia ser visto diariamente, a caminho do escritório, mirrado, branquinho, elástico e asseadíssimo em suas camisas de colarinho engomado e punhos fechados com abotoaduras. Todo um folclore, provavelmente injusto, circulava a seu respeito, insinuando que ele usava palavras com o peso de dobrões de ouro para dizer coisas de mil-réis. Uma das histórias era a de que, antes de possuir um serviço de barcas e poder atravessar o São Francisco de graça, à hora que quisesse, ele se dirigia ao barqueiro, perguntando:

“Paqueteiro, quanto queres para me transportar deste polo àquele hemisfério?” — referindo-se a Petrolina, que, apesar de ficar em Pernambuco, era apenas do outro lado do rio.

O *patois* pseudoerudito não disfarçava o fato de que *seu* Juveniano nunca tinha visto um banco de ginásio, mas a verdade é que ele *era*

um homem de posses em Juazeiro. O que os invejosos não entendiam era como, sendo ligeiramente rústico, conseguira casar-se em segundas núpcias (era viúvo do primeiro casamento) com a bonita e fina Patu, de Salvador. O espanto era porque ela era bonita e fina, e seus parentes, da influente família Viana, incluíam médicos, políticos e diretores de clubes chiques da capital, como o Baiano de Tênis e o Iate Clube. Dona Patu era uma mulher que impunha o respeito: austera, altaneira, ela cruzava a rua com um andar curtinho e apressado, cumprimentando as pessoas, mas sem se deter com nenhuma. As famílias é que iam visitá-la, aproveitando para admirar os seus bordados. Certa vez, num jantar que ofereceu em sua casa, serviu lavanda aos convidados e alguns se atrapalharam, achando que era para beber.

Não admira que *seu* Juveniano apostasse na educação dos filhos, que não eram poucos: ele já tinha Walter, do primeiro casamento, e, com d. Patu, vieram, em escadinha, Dadainha, Vavá, Joãozinho, Dedé, Vivinha e o caçula Jovininho. Educar aquela filharada era uma tarefa cara e difícil. Em Juazeiro, nos anos 40, a instrução parava no curso primário e, do ginásio para a frente, o destino dos garotos era Salvador ou, mais próxima, Aracaju. Mas *seu* Juveniano foi um vitorioso porque, de um jeito ou de outro, pôs um diploma na mão de cada filho. Exceto na de um, e justo aquele que todos diziam ser o mais inteligente. Naturalmente, Joãozinho.

Este, desde as calças curtas, quando voava em sua bicicleta pelas ruas estilo faroeste de Juazeiro, já havia decidido preferir o caminho mais difícil: ia tornar-se João Gilberto.

Sua mãe devia ter razão em achá-lo avoado, porque ele vivia esquecendo livros, cadernos e canetas pela rua. Certo dia, Joãozinho saiu com um par de sapatos novos e d. Patu recomendou-lhe, meio séria, meio de brincadeira, que não fosse perdê-los. Os moleques estavam jogando uma pelada no campinho e o convidaram a participar. Joãozinho tirou os sapatos para jogar, mas, lembrando-se do que sua mãe lhe dissera, enterrou-os na areia, para não perdê-los. Ao fim da

pelada, foi procurá-los e não se lembrou onde os havia enterrado. Voltou descalço para casa e levou um daqueles pitos inesquecíveis.

Aos onze anos, em 1942, seu pai mandou-o para um colégio interno, o Padre Antonio Vieira, em Aracaju. Não se pode dizer que Joãozinho fosse um aluno brilhante: latim e geometria, decididamente, não eram com ele. Estava muito mais interessado em torcer por um time de futebol local, o Silvestre, e em formar conjuntos vocais com os colegas. Aos quatorze anos, numa das férias em Juazeiro, um padrinho boêmio deu-lhe um violão. Era o que ele precisava.

Aprendeu a tocá-lo pelo Método Elementar Turuna, daqueles vagabundos, impressos em papel-jornal, porque foi o primeiro que lhe caiu às mãos. O Turuna não o transformou em André Segóvia, mas ensinou-lhe posições suficientes para permitir-lhe acompanhar-se e tentar harmonizar as vozes mutantes dos colegas. A voz de Joãozinho também estava mudando e, para seu desespero, o timbre de trombone que ele começava a adquirir às vezes modulava para o de uma flauta, sem que ele esperasse. Mas aos quinze anos, quando voltou de vez para Juazeiro — sem a menor intenção de continuar os estudos —, sua voz já havia se firmado naquele tenor rico e encorpado com que ele brindaria a cidade com canções, debaixo do tamarineiro.

Uma das raras árvores em Juazeiro era um gigantesco tamarineiro na praça da Matriz. Tamarineiros gostam de terreno seco, mas aquele devia adorar, porque crescera a ponto de ficar mais alto do que qualquer casa da cidade. Sua copa produzia uma sombra sob a qual diversas gerações instalaram cadeiras para conversar — tanto que ninguém se conformou quando ele foi abatido, na década de 80. Nos tempos de adolescência de João Gilberto, o tamarineiro era tão importante para a vida de Juazeiro quanto os dois clubes sociais da cidade, o 28 de Setembro e a Sociedade Apolo Juazeirense. Encontros eram marcados à sua sombra, e seu tronco era disputado à noite pelos casais mais assanhados. Ali, negócios eram fechados, desocupados discutiam política e moças e rapazes se juntavam para tocar violão.

Um desses grupos de violão incluía os garotos Joãozinho, Waltinho, Pedrito e Alberto. Os quatro cantavam e tocavam, mas os solos

vocais às vezes ficavam por conta de Waltinho, que muitos elegeram como a voz mais bonita do conjunto. (No futuro, Pedrito e Alberto iriam fazer outra coisa, mas Waltinho se tornaria o compositor e cantor Walter Santos, autor de “Amanhã”.) O líder e arranjador do grupo era Joãozinho.

Debaixo do tamarineiro, eles ensaiaram todo um repertório para o dia em que se atrevessem a cantar ao microfone da amplificadora de *seu* Emicles. Seus *hits* eram “Marina”, que Dorival Caymmi tinha acabado de lançar, e a espanhola “Malagueña salerosa”. Mas, na verdade, cantavam tudo o que ouviam nos alto-falantes. Se dependesse de algum dos quatro, acanhadíssimos, eles nunca teriam se aproximado de *seu* Emicles e o mundo não saberia o que perdeu. Mas um primo de Joãozinho, Dewilson, convenceu o dono da amplificadora a deixá-los se apresentar de vez em quando. Eles cantaram, agradaram e tornaram-se minicelebridades na região. Não que fossem os Mills Brothers. Acontece que a vida noturna em Juazeiro não era das dez mais emocionantes. Assim, até um pequeno espetáculo ao vivo, mesmo que com jovens artistas do lugar, era sempre um acontecimento.

A cidade tinha um único cinema, o Apolo, cujos filmes já haviam acumulado poeira de pelo menos dez anos quando chegavam lá — e foi por isso que Joãozinho pôde ver todos os velhos musicais de Fred Astaire e Ginger Rogers na rko, fora de moda nos grandes centros. (Era tão alucinado por Fred Astaire que falou até em aprender a sapatear.) Depois do filme, havia o *footing* obrigatório na rua do Apolo, com o alto-falante a toda, e, às onze, a usina dava o toque de recolher. Para os rapazes, uma alternativa às serenatas era a zona de prostituição, na rua da Boa Esperança. (No Carnaval, as prostitutas formavam um cordão e desfilavam pela cidade, com suas bocas e roupas em technicolor. Era considerado o cordão mais bonito.) Mas não há notícia de que, mesmo aos dezoito anos, Joãozinho tivesse passado perto da Boa Esperança.

Era nos fins de semana que a vida, afinal, ganhava mais sentido, com os bailes nos clubes. O 28 de Setembro contava com uma orquestra comandada pelo saxofonista Babauzinho, que Joãozinho admira-

va. No Carnaval, Babauzinho fazia dois bailes por dia: o dos adultos, à noite, e o da tarde, para os garotos, aos quais Joãozinho comparecia. Não ia para brincar — e, para ser franco, não gostava muito de Carnaval —, mas para acompanhar suas amigas Merita, Belinha e Ieda e, ocasionalmente, esguichar lança-perfume em suas axilas. Mas o que gostava mesmo era de ouvir Babauzinho.

Depois de meses limando o gogó na amplificadora de *seu* Emiles, surgiu a chance de Joãozinho e seus amigos se apresentarem num baile do 28 de Setembro — felizmente, fora do Carnaval. Como acontece nos filmes, a orquestra de Babauzinho não poderia tocar, por qualquer motivo, e Joãozinho, Waltinho, Pedrito e Alberto foram convidados a substituí-la. Seria a sua primeira apresentação com cachê e eles deram um trato especial ao arranjo de “Malagueña”, com que iriam abrir o show. Prometia ser uma grande noite para eles e — esperavam — para o público.

E foi mesmo, mas não como previam. Assim que atacaram os primeiros acordes de “Malagueña”, estourou uma briga no salão, envolvendo um popular médico da cidade, o dr. Lauro, e o marido de uma das senhoras da sociedade local. Qual terá sido o pivô? A briga recebeu imediatas adesões e as garrafas e cadeiras preencheram o espaço aéreo. No meio daquele banzé, Joãozinho, Waltinho, Pedrito e Alberto continuaram cantando a plenos pulmões, tentando impor as belezas de “Malagueña”. Sua amiga Merita lembra-se até hoje de como Joãozinho insistia em cumprir sua obrigação, cantando no meio daquele tumulto. Mas, quando uma garrafa passou mais perto, ele e os companheiros convenceram-se de que era mais prudente dar o fora. O baile acabou ali, mas, no dia seguinte, Joãozinho insistiu e recebeu o cachê.

Outros bailes viriam, inclusive o *réveillon* de 1949, e Joãozinho cantou em vários deles. Sua potência de voz era suficiente para que ele se fizesse ouvir em todo o salão, não importava que o público cantasse junto. Com um bom microfone, podia-se ouvir cada *tremollo* seu — o que, junto com a perfeita afinação, era uma de suas especialidades. A voz de Joãozinho não chegava a partir cristais, mas a de Or-

lando Silva, sua maior admiração, também não chegava a esses extremos — e Orlando era sensacional até em sambas e marchinhas, como provara em outros carnavais com as suas gravações de “Jardineira”, “Jurei, mas fracassei” e “Meu consolo é você”. Quando o chamavam de “o novo Orlando Silva”, Joãozinho ficava todo prosa — porque era exatamente o que ele queria ser.

Estava vivendo agora em função da música e de mais nada. O violão tornara-se quase que uma parte do seu corpo, e uma de suas distrações era ficar na janela de casa, cantando para as moças que passavam na praça da Matriz com seus vestidos de babados. Algumas canções eram recados marotos, como “Um cantinho e você”, um sucesso corrente de Dick Farney. Mas os recados, se chegavam a ser entendidos, eram levados na brincadeira pelas moças, porque Joãozinho, apesar de viver cercado de amigas, nunca teve namorada em Juazeiro. Se pudesse, teria namorado Ieda, a garota mais bonita da cidade — uma gaúcha cujo pai, funcionário público, fora transferido para lá. Ieda era loura, de olhos verdes e incandescia o coração dos rapazes. Ela gostava que Joãozinho fizesse serenata à sua janela, mas, na hora de escolher um namorado, deu preferência a um jovem chamado Charles, que as outras moças disputavam. Os rapazes de Juazeiro olhavam para Charles com os longos olhos da inveja e, como não podiam vencê-lo no terreno das conquistas, reduziam-no despeitadamente à condição de bocó e tentavam superar-se no que sabiam fazer, como cantar e tocar violão.

Para Joãozinho, o violão calçou como uma luva a sua personalidade retraída. Não que ele fosse tímido. Seus contemporâneos de Juazeiro o descrevem como tudo, menos isso. Se fosse, não se abriria a ponto de suspirar e dizer para a turma:

“Eu queria me casar com uma bailarina...”

Ou não dedicaria canções às moças da cidade, ao microfone da amplificadora. Ao contrário: era engraçado, tagarela e podia ser deliciosamente perverso, quando atribuía essas dedicatórias a outros rapazes que já tinham namorada, obrigando-os a ter de se explicar com elas e divertindo-se ao vê-los encalacrados. Mas bastava a entrada de

um estranho na roda para que ele se escondesse por trás do violão. Sem perceber, começou a transformar o instrumento num escudo, para impedir que o mundo chegasse muito perto. Por sorte, o mundo raramente ia a Juazeiro.

Seu pai não gostava nem um pouco dessa história de violão. Em seus projetos, Joãozinho seria médico, engenheiro, advogado ou alguma outra profissão de doutor. E, se não fosse nada disso, seria o seu herdeiro na sociedade com o irmão. *Seu* Juveniano ainda não se dera conta de que Joãozinho não viera ao mundo a negócios ou para estudar. E, além de outras idiosincrasias, Joãozinho era o menos religioso numa família de carolas e beatas. Nem Dadainha, a irmã mais velha e a única com alguma ascendência sobre ele, conseguia arrastá-lo para a *Sinfonia inacabada*. (Anos depois, Joãozinho se tornaria religioso a ponto de benzer-se até para entrar em elevadores. Mas, em Juazeiro, ele parecia distante dessas preocupações.) As ausências de Joãozinho na igreja já deixavam seu pai numa posição absolutamente esquerda diante dos outros, mas o que o irritava de verdade era o fato de que Joãozinho não queria nada com nada, que não fosse o violão.

Tentando botá-lo na linha, parou de dar-lhe os trocados de praxe para o cinema, as jujubas e outros investimentos juvenis. Isso criou um problema para Joãozinho, que ficou sem dinheiro para cigarros (havia começado a fumar) e, principalmente, para as cordas do violão. Qualquer outro teria se curvado ao rigor paterno. Mas ele foi socorrido pela pronta solidariedade dos amigos, que passaram a tirar dinheiro de suas mesadas e a fazer uma vaquinha para subsidiar-lhe as cordas — com o que as noites de Juazeiro continuaram a ser embaladas pelas suas interpretações de “Naná”.

Mas, como se não bastassem as pressões de seu pai, Juazeiro estava ficando pequena demais para Joãozinho. Aos dezoito anos, que acabara de completar em junho de 1949, sentia-se preparado para voar longe com sua voz. A primeira escala teria de ser Salvador, aonde ia de vez em quando, de trem, com seu primo Dewilson. A viagem durava 24 horas pela Leste Brasileira, com pernoite em Senhor do Bonfim, e eles levavam bananas para comer no caminho. Nessas idas a

passeio à capital limitava-se a flunar pela cidade e a namorar por fora os edifícios das estações de rádio — sem coragem para entrar e dizer que era cantor. Afinal, não sabia a quem procurar. Mas, em Salvador, moravam vários de seus primos importantes, como Jovino, Alípio e Yulo. Quando fosse morar lá, eles o ajudariam na única coisa de que precisava: penetrar numa daquelas estações. Sua voz faria o resto.

Nas últimas rodas de violão sob o tamarineiro, assim que decidiu ir embora de Juazeiro, Joãozinho fazia um ar gaiato, abria os braços e, antecipando o que o esperava em Salvador, anunciava para os amigos:

“Champanhe, mulheres e música, aqui vou eu!”

E foi.